

RESUMO PARA COMUNICAÇÃO ORAL ONLINE - EPISTEMES DE COSMO-
FORMAÇÃO

**A CURA COMO RECONFIGURAÇÃO DO SENSÍVEL: ESTÉTICA,
NECROPOLÍTICA E ANCESTRALIDADE NA OBRA DE AYRSON
HERÁCLITO**

Vaneza Rita Silva Melo (vanezamel@gmail.com)

Este artigo analisa as performances Amaci, Sacudimentos e Bori, criadas pelo artista baiano Ayrson Heráclito, como práticas que evocam rituais ancestrais afro-brasileiros e mobilizam o conceito de cura como campo híbrido entre estética, política e ancestralidade. Nessas ações, a cura não aparece como metáfora terapêutica ou reconciliação simbólica, mas como elemento imaginário operante que tensiona a memória da escravidão, reinscreve corporalidades subalternizadas e reativa cosmologias afro-diaspóricas no espaço institucional da arte. Propõe-se, assim, compreender de que modo a arte brasileira contemporânea mobiliza a cura como categoria crítica capaz de reconfigurar o sensível e deslocar regimes históricos de invisibilidade produzidos pela colonialidade.

Para fundamentar essa análise, o artigo recorre ao conceito de necropolítica formulado por Achille Mbembe, segundo o qual a modernidade institui regimes de soberania baseados na gestão diferencial da vida e da morte. A necropolítica

não se restringe ao extermínio físico, mas opera por meio da precarização sistemática, da invisibilização e do apagamento simbólico. No contexto brasileiro, tal lógica se manifesta na persistência do racismo estrutural e no distanciamento institucional dos saberes afro-diaspóricos, convertendo corpos negros e suas cosmologias em zonas de marginalização e silêncio. A ferida colonial, portanto, é entendida como estrutura histórica que organiza desigualdades sensíveis e ontológicas.

Em diálogo com a noção de partilha do sensível desenvolvida por Jacques Rancière, compreende-se que a arte constitui um campo capaz de redistribuir visibilidades, enunciações e posições de presença no espaço comum. A cura, nesse horizonte, não significa superação da violência histórica, mas deslocamento conflitivo da ordem que naturaliza a exclusão. Ao reinscrever no espaço expositivo gestos rituais como o amaci, o sacudimento e o bori — práticas ligadas ao candomblé e às cosmologias afro-atlânticas — Heráclito tensiona a separação moderna entre arte e espiritualidade, matéria e espírito, política e ritual. Sua obra produz uma redistribuição que é simultaneamente estética e ontológica, pois ativa presenças ancestrais como forças de mundo.

Metodologicamente, o artigo articula três eixos analíticos: (1) análise estética da redistribuição do visível nas performances; (2) leitura político-histórica das marcas da necropolítica no contexto brasileiro; e (3) investigação ontológica da ativação de vínculos ancestrais na prática artística. Argumenta-se que, ao mobilizar o imaginário da cura, as ações performáticas de Ayron Heráclito instauram uma prática contra-necropolítica que interrompe regimes de invisibilidade e reinscreve no campo do sensível corpos e cosmogonias historicamente subalternizadas. Assim, a cura emerge não como pacificação, mas como gesto crítico que torna aparente o conflito constitutivo da colonialidade e afirma a ancestralidade como potência estética e política de reconfiguração do comum.

Palavras-chave: cura; necropolítica; ancestralidade; partilha do sensível; ayron heráclito.